



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SÉRGIO STRINGHINI

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-838

Entrevistado: Sérgio Stringhini

Nascimento: 06/02/1969

Local da entrevista: Local de trabalho do entrevistado – Bairro Navegantes, Porto Alegre

Entrevistadora: Natália Bender

Data da entrevista: 12/12/2017

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Natália Bender

Pesquisa: Natália Bender

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos e 49 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Natália Bender intitulada *A Ginástica Artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação e trajetória na Ginástica; Núcleo de Base da Ginástica da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Situação da Ginástica na época em que se inseriu na modalidade; Clubes em que atuou; Formação do entrevistado; Relação com a ginasta Adrian Gomes; Lesões da atleta; Momento em que o entrevistado largou a ginástica; Importância do Núcleo de Base da Ginástica; Dificuldades que os atletas da ginástica enfrentam.

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2017. Entrevista com Sérgio Stringhini a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Olá Sérgio, eu gostaria que tu começasse contando um pouquinho sobre a tua história no esporte, como foi a tua inserção na modalidade...

S.S. – Eu comecei em 1979, como ginasta. Eu tinha dez anos de idade e fiquei na ginástica até 1989, como atleta pelo Grêmio Náutico União. Depois eu fui para a Sogipa¹ como atleta ainda, fiquei uns três anos mais ou menos, até 1992 acho, e logo em seguida eu fui convidado a virar técnico do clube. E aí eu comecei como auxiliar, da professora Eneida Leveizon, que na época era treinadora da Sogipa... E aí eu comecei a minha carreira de técnico nessa época, em 1992. Ela saiu em seguidinha, em 1993 se eu não me engano e eu assumi como técnico principal da Sogipa, onde eu fiquei até 2004; até março de 2004 eu fiquei na Sogipa como técnico principal. Lá eu tive várias equipes, eu comecei trabalhando tanto com o masculino, quanto o feminino; eu era técnico das duas equipes: masculino e feminino e depois começou a afunilar o negócio porque começou a aumentar o nível dos atletas e eu tive que optar para poder me dedicar e me especializar mais. Eu acabei optando pelo feminino, eu fiquei trabalhando só com a equipe feminina, a equipe principal da Sogipa e aí eu tive várias experiências boas com as atletas, com o clube também e só saí de lá porque ocorreu que terceirizaram o departamento de ginástica nessa época e ia ficar complicado de trabalhar como técnico de alto rendimento, porque ia ter que ter comissões de alunos, manteria mais salário fixo, então, se tornaria uma coisa muito complicada. Então eu preferi continuar como técnico de alto rendimento e daí em 2004 eu saí da Sogipa e fui para a UFRGS², fui através do João Oliva³ e ao mesmo tempo recebido de braços abertos pelo Ricardo Petersen⁴ que era diretor na época da UFRGS. E quando eu cheguei lá não tinha estrutura para fazer treinamento de alto rendimento de ginástica olímpica, o ginásio que tinha era um ginásio de múltiplas funções; tinha de tudo no mesmo ginásio, era tecido, circo, corda, escalada, judô, um pouco de ginástica, um pouco de trampolim, um pouco de cada coisa, e nada que fosse mais profundo. E quando eu cheguei lá eu fiz um

¹ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ João Carlos Oliva.

projeto junto com o Ricardo Petersen que foi um grande diretor, um cara que apoiou muito, me ajudou no trabalho lá, com o apoio do João Oliva também que me deu um grande apoio por trás, sempre concordava com as coisas, ajudava no que pode ajudar. A gente montou o Núcleo de Esporte de Base, através do Ministério do Esporte. A gente fez uma parceria com o Ministério do Esporte e conseguimos montar um Núcleo onde a gente conseguiu todos equipamentos novos da França, a Gymnova. Então a gente fez o equipamento que está lá até hoje na UFRGS, o equipamento novo... Tanto equipamento de competição a gente comprou, como equipamento de base também; equipamentos que pudessem evoluir de forma, com processos pedagógicos, então, foi comprado tudo que era necessário para ter alto rendimento. E a gente continuou fazendo um trabalho lá muito bom, na UFRGS onde não tinha nada quando a gente chegou; a gente teve uma equipe campeã Pan-americana na UFRGS, quer dizer, a gente conseguiu chegar ao alto rendimento. A gente teve atletas de nível de seleção, inclusive a Adrian Gomes⁵, tivemos outras atletas também com um ótimo resultado, a Vitória Calvi Sampaio, a Stéfani Campos da Silva, outras atletas como a Bárbara Laguna, a Nicole Muratori, a Luana Matuela que também tiveram ótimos resultados. A Lisiane Xerxenevsky⁶ trabalhou comigo nessa época também, lá na UFRGS; trabalhou durante três anos, até 2007 ou 2008, não me recordo bem a data e eu fiquei um pouco mais, até 2010. E só não teve continuidade o trabalho porque... Na verdade, a gente conseguiu toda a estrutura de treinamento, mas não tinha o aporte financeiro para os técnicos, então, a gente trabalhava sem salário. A gente trabalhava porque a gente sempre gostou muito, e a gente tinha objetivo de levar atleta até o alto rendimento, levar até Olimpíada e quando o técnico tem esse objetivo a gente abre mão de muitas coisas, na vida, até do salário. A gente acordava as seis horas da manhã, as sete horas já estava chegando na ESEF, ninguém cobrava horário da gente, mas a gente estava lá todos os dias, de segunda a sábado, de manhã, de tarde e de noite, inclusive feriados, e trabalhava com toda a garra, toda a energia como fosse o melhor emprego do mundo. Então a gente sempre trabalhou desse jeito, inclusive cuidando dos materiais e cuidando de todas as coisas que estão lá até hoje, que a gente colocou um método de trabalho onde a gente cobrava que todo mundo tinha que deixar o ginásio organizado, tinha que ter cuidado com os equipamentos, porque aquilo lá era a maneira de todo mundo poder trabalhar em um lugar

⁴ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

⁵ Adrian Geovana Nunes Gomes.

⁶ Lisiane Xerxenevsky Bergue.

decente. Então hoje eu chego lá e eu ainda vejo muitos materiais em ótimas condições porque foi uma coisa que foi deixada como legado lá.

N.B. – Tu lembra como era a estruturação da modalidade na época, tanto enquanto tu era atleta e, depois, tu viu uma evolução?

S.S. – Ah, não tenho dúvida que houve uma evolução muito grande. Quando eu era atleta a gente só viajava de ônibus, para tudo que era lugar, até para Brasília... Fiz duas viagens para Brasília, mais de cinquenta horas praticamente de viagem, e só parava em alojamento que era sala de aula com colchão no chão, era nesse nível quando eu comecei. E com o passar do tempo foi evoluindo, e hoje em dia só se para em hotel, só se viaja de avião, claro, hoje em dia até o dinheiro está curto, tem esse problema também... A crise do país... Mas mesmo assim a evolução foi muito grande, tanto de estrutura como de nível técnico dos atletas também. Apesar de que ainda falta muito a nível de ajuda financeira e estrutura para que os atletas possam continuar treinando até uma idade mais avançada.

N.B. – E durante a tua carreira tu teve algum envolvimento com a Federação⁷ de Ginástica?

S.S. – Na verdade muito pouco. Eu sempre fui muito pouco político na minha vida, de técnico, isso aí era bom e era ruim. Era bom porque eu sempre me dediquei muito a parte técnica, eu lidava muito bem com os atletas, sempre consegui ter os grupos na minha mão e fazia trabalhos bons realmente porque eu consegui ter muitos resultados bons; ao mesmo tempo a parte política me prejudicava um pouquinho, porque eu nunca fui muito de me ligar com a parte política, de lidar com a Federação, presidente da federação, então, essa parte eu sempre deixei um pouco de lado.

N.B. – E além do Núcleo de Base da Ginástica, tu só atuou na Sogipa ou tu atuou em outro lugar?

⁷ Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul.

S.S. – Eu fui professor do União⁸ em 1986, quando eu era atleta ainda, me convidaram para trabalhar e ai eu dei aula para a escolinha, junto com o professor Joca⁹ que está na Sogipa dando aula... Eu fui auxiliar dele, eu tinha dezessete anos, só que eu ainda era atleta, ai eu trabalhei um pouquinho e eu larguei para poder continuar treinando. Daí foi esse período que eu trabalhei no União e depois na Sogipa, que ai eu virei técnico e trabalhei durante quinze anos como técnico da Sogipa.

N.B. – Eu gostaria que tu falasse um pouco sobre a tua formação. Tu fez graduação, mestrado?

S.S. – Sim, eu sou formado pela UFRGS, fiz duas pós-graduações, uma em ginástica que foi na UFRGS também e uma em preparação física na ULBRA¹⁰, cada uma dessas duas pós-graduações foram de dois anos, tanto na UFRGS quanto na ULBRA, completando um total de quatro anos. Depois eu ainda fiz o mestrado na UFRGS, onde o meu orientador foi o Ricardo Petersen e meu trabalho foi sobre ginástica também. Minha tese até foi sobre a razão da desistência das atletas da ginástica.

N.B. – Eu li a tua dissertação. Então, sabendo que a Adrian treinou durante esse período contigo no Núcleo de Base, eu queria saber o que tu lembra desse período da Adrian, da história dela.

S.S. – Sim, só mais uma coisa em relação a minha formação: eu tive três vezes no curso da FIG¹¹, a nível iniciante, médio e avançado, da Federação Internacional de Ginástica e fiz os três cursos de técnico, que pouca gente faz. No Brasil poucas pessoas fizeram esse curso e no Rio Grande do Sul eu não me lembro de mais alguém que tenha feito, fora eu. Esses cursos também sempre foram muito bons porque sempre deram aporte teórico em cima da prática que a gente tinha dentro do ginásio. Em relação a minha formação basicamente... Eu acho também que eu fiz muitos estágios de treinamento que me ajudaram como técnico, então, eu aprendi muito com isso, eu fazia muitos estágios, que eu viajava para aprender. Eu ia para os lugares onde eu achava que tinha técnicos ótimos, melhores do que eu e eu ia,

⁸ Grêmio Náutico União de Porto Alegre.

⁹ Nome sujeito a confirmação

¹⁰ Universidade Luterana do Brasil.

assistia treinamento e depois tudo que eu achava bom eu tentava me adaptar para tentar chegar o mais próximo disso.

N.B. – Então, o que tu lembrar da Adrian...

S.S. – Sim, a Adrian ela começou a treinar comigo ela já tinha uns... A idade exata, acho que ela tinha quatorze anos, eu não me lembro agora, mas era em torno disso, acho que uns quatorze anos. Eu posso dizer que ela sempre foi uma ótima atleta, eu gostei muito de ser treinador dela, de dar treinamento para ela, eu gostei muito mesmo. Ela era uma guria boa de dar treino, ela era muito forte, muito explosiva, muito flexível, tinha uma postura muito boa, uma coordenação motora muito boa, ela pedia as coisas que eu fazia... Ela tinha um pouco de problema de peso e isso aí foi uma coisa que atrapalhou um pouquinho a carreira, porque ela não conseguia se controlar muito... Não que ela fosse muito pesada, mas não entrava nos os padrões brasileiros de quem comandava a ginástica no Brasil. Então quando eu ia levar ela para uma seletiva o pessoal que comandava a seleção brasileira sempre reclamava e olhava para ela meio torto. E ao mesmo tempo ela no ginásio comigo ela era excelente; ela treinava muito bem e aprendia muita coisa. Ela treinou eu acho que uns três ou quatro anos comigo e ela aprendeu muita coisa e mesmo o pessoal da comissão técnica do Brasil ficando meio assim... Quando eu levava ela para campeonato nacional, normalmente ela ficava entre as seis primeiras no Brasil, na categoria adulta, entre as seis primeiras, só que para pegar seleção brasileira ela não era convocada por questões de peso. Então, mas em relação a parte técnica dela, a parte assim, o treinamento dela, sempre foi muito boa de dar treino.

N.B. – E assim, a gente sabe que as lesões durante a carreira dela foram recorrentes.

S.S. – Sim.

N.B. – Tu lembra assim dela sentir bastante dor?

¹¹ Federação Internacional de Ginástica.

S.S. – Ela tinha muito problema de abrir a mão porque ela sempre reclamava muito de dor nas mãos. Quando treinava paralela, mas ai é mais pelo atrito, não chega a ser um machucado, é pelo atrito e faz parte do treinamento da ginástica, que quando o atleta treina muita paralela, abre uma bolha, a mão fica em carne viva e mesmo assim ela tem que continuar treinando. Isso era uma coisa que atrapalhava um pouquinho o treinamento dela, mas isso no caso específico da paralela. E nos outros aparelhos que é salto, solo e trave, ela sempre treinou muito bem. Ela teve uma lesão comigo que foi a única lesão que ela teve grave, que foi o rompimento do tendão de Aquiles, fazendo treinamento de solo. Ela reclamava um pouquinho do tendão de Aquiles porque ela tinha o tendão um pouquinho curto, e ela treinava, fazia exercícios de alto grau de dificuldade e teve uma época que ela foi fazer um tsukarrara¹² no solo, que é um duplo mortal de costas com pirueta; um tsukarrara carpado e ela foi fazer e quando ela picou no solo depois do flic¹³, deu um estouro. Eu achei que tivesse quebrado a chapa de madeira e não, ela tinha rompido o tendão de Aquiles. Ai foi um problema, ai tivemos que levar no médico, tudo, foi aquela coisa, ai teve que fazer cirurgia para religar o tendão, só que ai ocorreu até um certo problema, porque na verdade foi uma cirurgia que não foi bem executada porque fizeram a cirurgia e quando fizeram ali, religaram, fizeram ali o reforço no tendão de Aquiles não fizeram um reforço suficiente para aquilo que ela precisava. Simplesmente costuraram e acharam que aquilo ali ia aguentar. E eu tinha avisado o doutor, apesar de eu não ser médico, ser só um professor de Educação Física, eu avisei o médico, mas o problema é que eu conhecia o nível de impacto do treinamento e eu falei: “Olha, eu não sei se isso ai vai aguentar.” Eu falei para ele com todas as letras, e ele, mesmo experiente, ele achou que dava. Ele fez a cirurgia e quando ela voltou a treinar não teve dúvida, rompeu de novo. E aí sim ele resolveu fazer um reforço. Aí ele fez um enxerto, ele pegou um pedaço, se eu não me engano da panturrilha, um pedaço do músculo e botou como um reforço no tendão de Aquiles e fez a cirurgia. E fizemos a fisioterapia, tudo né. Eu me lembro até que durante a fisioterapia, a gente fez uma coisa bem interessante: eu cortava uma espuma e fazia tipo um salto alto para ela, que ela ficava com o pé que ela fez a cirurgia, ela ficava como se estivesse caminhando de salto alto, para deixar relaxado o tendão de Aquiles e aos pouquinhos eu ia tirando uma camadinha dessa espuma, até que ela chegasse com o calcanhar na altura do solo, alongando mais o tendão de Aquiles. Até a ideia que eu tive foi

¹² Salto realizado na modalidade da Ginástica Artística.

¹³ Movimento realizado na modalidade da Ginástica Artística.

boa, tanto que o doutor que trabalhava com isso achou ótima ideia e pegou para continuar nas próximas cirurgias dele. Aí depois que ela fez essa cirurgia, ela realmente voltou a treinar normal.

N.B. – E nesse período dessa lesão, tu sabes se ela pensou em desistir?

S.S. – Sim, pensou em desistir. É, nesse momento, teve até uma época que eu levava ela em casa quase todos os dias, levava e voltava, porque ela estava de muleta para poder continuar treinando e não largar a ginástica. Para se manter motivada, mas depois com o tempo ela foi melhorando e foi voltando ao treinamento e voltou ao treinamento normal e sempre que treinou, depois disso também continuou evoluindo, só que com um pouco mais de receio. Um pouquinho mais de receio por causa do tendão.

N.B. – Depois ela teve a lesão dela na coluna, que foi...

S.S. – Mas na coluna não foi comigo.

N.B. – Não foi contigo?

S.S. – Não foi comigo. O que aconteceu depois disso é que ela treinou mais um tempo e o, a UFRGS, como ela não me pagava salário e nem para a outra professora que é a professora Lisiane... A outra professora parou e eu continuei mais um tempo com elas, só que não tinha estrutura, tinha só o ginásio disponível, os materiais e eu e os atletas e mais nada. E não tinha dinheiro para competição, não tinha dinheiro para mim, não tinha dinheiro para nada, as atletas sem dinheiro também, então, a estrutura estava muito complicada. E eu já estava complicado para mim, a minha vida pessoal já estava ficando complicada porque eu não tinha nada; eu com quarenta e poucos anos de idade, não tinha nada, imagina, estava se tornando complicado isso e eu já estava quase largando. *Eu*, já não estava mais aguentando a situação. E nessa época a Adrian estava treinando e ela começou a resmungar também, até em um treinamento de paralela, que era o aparelho que ela tinha mais dificuldade até por causa das mãos, que ela tinha problema assim de aguentar o treinamento na paralela. E eu queria muito que ela treinasse, ela sempre reclamava, e durante um treinamento inclusive eu cheguei e falei para ela: “Olha, se tu não

fizer cinco séries pelo menos...” Eu não me lembro quanto tempo antes da competição, a gente estava... “Não consegue fazer cinco séries, vai ficar difícil, tu vai fazer três aparelhos nunca vai ter condições de fazer uma paralela e terminar até o final da série com uma boa resistência, com fôlego, vai estar sempre chegando no final da série se arrastando”. E eu estava começando a entrar em atrito um pouquinho com ela em relação a isso. E foi uma época que ela já estava um pouco desmotivada por causa disso também, e eu também estava começando a me desmotivar pela situação, e nessa época ela não quis mais fazer ginástica. Ela parou um tempo com isso e eu acho que foi nessa época que o pessoal do União convidou ela para ela treinar, voltar para lá. Eu estava meio que largando nessa época. Eu acabei largando a ginástica nessa época e o pessoal do União convidou. Porque lá eles tinham mais estrutura, eles sempre tiveram, tinham dinheiro para competição, tinham mais técnicos, tinham coordenador, diretor, equipe de professores, não era uma pessoa só trabalhando sozinha. Aí convidaram ela, eu não me lembro se era para completar a equipe adulta, ou alguma coisa assim e iam dar algum dinheiro para ela também em relação à ajuda de custo e outras coisas mais e ela foi treinar lá. E foi a partir dessa época que ela já estava treinando lá que eu fiquei sabendo que ela machucou a coluna, até foi véspera da Olimpíada¹⁴. Foi logo em seguida.

N.B. – E tu lembra, nesse período que ela treinou contigo se ela foi treinar na seleção ou não?

S.S. – Ela foi treinar na seleção só que ela tinha esse problema. Na verdade, eu era pouco político então eu não me dava muito com o pessoal que trabalhava na comissão técnica da seleção brasileira. Me dava, mas nunca tive intimidade, então, não tinha muito poder de influência sobre isso. Porque nível técnico ela tinha para fazer parte da seleção brasileira e pontuação ela também tinha para fazer parte da seleção, mas como ela estava um pouco acima do peso, era o suficiente para a comissão técnica tirar ela.

N.B. – Qual a importância desse núcleo para a modalidade da ginástica, esse núcleo de base que teve ali na ESEF, tanto a nível estadual quanto nacional?

¹⁴ Referência aos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012.

S.S. – Bom, a nível estadual, para se ter uma ideia, quase todos os estaduais nós ganhávamos; a nível de campeonato estadual, a maioria dos campeonatos estaduais que eu entrei a gente ganhava. A UFRGS normalmente era campeã do Rio Grande do Sul e a nível nacional ficava entre as três, quatro melhores; ficava em quarto, ficava em terceiro. Primeiro e segundo normalmente não porque primeiro normalmente ficava o pessoal de Curitiba que treinava com os ucranianos, com a Irina¹⁵ e o Flamengo¹⁶. Isso por equipe, mas individualmente a gente teve resultados bons, como eu já falei no caso da Adrian. Normalmente ela ficava entre as seis primeiras. Eu tive também a Estefani Campos, que foi duas vezes campeã brasileira, individual geral e a Vitória Calvi Sampaio, que pegou a seleção brasileira, e foi treinar até na seleção brasileira e ao, mesmo tempo, ela foi duas vezes vice-campeã brasileira individual geral na categoria infantil e na categoria juvenil. E por equipe várias vezes as gurias conseguiram ficar em terceiro lugar a nível nacional. Só que hoje esse núcleo de esporte de base da UFRGS só tem o material, não tem mais equipe.

N.B. – E a questão do próprio incentivo financeiro para participar de competição...

S.S. – Não, isso aí não tem. Mas quero deixar claro que não foi por falta de tentativa. Porque o Ricardo Petersen foi uma pessoa que sempre lutou muito para conseguir, *sempre lutou muito*. Isso eu sou testemunha que ele ficava muito chateado às vezes por não conseguir, porque tinha uma burocracia muito grande em Brasília. A gente ia atrás de patrocínio e outras coisas mais; ele sempre foi muito parceiro e a gente batalhou muito. O João Oliva dava o aporte dentro do que podia, dentro da Federação¹⁷ e o Ricardo Petersen sempre ia em Brasília, através do Ministério do Esporte, que ele tinha pessoas conhecidas lá e mesmo assim a gente não conseguia. A gente conseguiu os materiais, mas a parte de dinheiro em si para tocar o negócio, não conseguimos.

N.B. – Bom, eu queria saber se tem alguma coisa a mais sobre a Adrian que tu queira acrescentar ainda que eu não te perguntei.

¹⁵ Iryna Ilyashenko.

¹⁶ Clube de Regatas Flamengo.

S.S. – Não, eu acho assim: a ginástica é um esporte muito bacana e o que mais se ensina para os atletas e para o técnico também em si, é a disciplina. Isso é um legado que fica para o resto da vida. Normalmente os atletas de alto rendimento são muito disciplinados e os técnicos acabam seguindo a mesma linha. O que falta realmente é estrutura financeira, porque essa parte, é uma parte que complica, porque os atletas chegam a partir de uma certa idade, eles teriam que ter um aporte financeiro por trás, para poder continuar treinando, porque são profissionais. Treinam sete, oito horas por dia e aí falta essa parte profissional financeira, para que eles continuem treinando até a categoria adulta, sem se preocupar com o resto.

N.B. – Hoje até tem o bolsa atleta, mas ainda assim não é suficiente.

S.S. – Ainda... A Adrian por um bom tempo teve o bolsa atleta, mas teve um período que ela se machucou, perdeu o bolsa atleta, ficou sem, aí já fica mais complicado.

N.B. – Ainda mais pensando que a situação financeira dela, não era uma pessoa que...

S.S. – Não era uma pessoa com boas condições financeiras. É uma parte assim complicada, porque ela sempre precisou desse dinheiro do bolsa atleta né. E quando perdeu o bolsa atleta complicou, fazia falta né.

N.B. – Bom, Sérgio quero te agradecer pela a disponibilidade de conceder esta entrevista. Eu sei que é complicado hoje em dia ter tempo para a gente falar, mas...

S.S. – Não, eu acho que sempre pode ajudar em algum trabalho, porque isso é uma coisa que fica registrado; é uma coisa que um dia que alguém for precisar estudar alguma coisa de ginástica, a história da ginástica no Rio Grande do Sul, vai ter isso aí... Uma coisa que falta ainda para o Rio Grande do Sul: conseguir dar aporte para os seus atletas para eles poderem chegar ao alto rendimento, ao alto nível.

N.B. – Eu te agradeço mais uma vez, obrigada.

¹⁷ Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul.

S.S. – Obrigado Natália.

[FINAL DA ENTREVISTA]